

# A ordem

*Nova ordem, tecnologia, ordenação, recursos, big brother, sociedade digital, just-in-time-everything, fazer-sentido, civilização.*

O que quer que tenha sido a velha ordem e o que quer que seja a nova ordem, um aspecto têm em comum: a ordem. Ao contrário de um aspecto menor, de uma palavra pertinente ou de uma coincidência irrelevante, a ordem é a essência de uma civilização cujo projecto assentou, e assenta, no domínio do mundo pela ciência e pela tecnologia.

Quando no início da década o então Presidente norte-americano, George Bush, declarou face à confusão e à ansiedade que Saddam havia trazido ao mundo que era necessário iniciar uma nova ordem internacional, estava a dizer tudo em poucas palavras: tem que existir alguma ordem!

O mundo, por isso a política, a economia, a cultura, o passado e o futuro, tem que ser ordenado — enquadrado, organizado, dado um sentido. Em síntese, o Ocidente não pode prescindir do projecto iluminista e positivista de viver num mundo controlável.

Mas “o que cria, destrói sempre primeiro” (Nietzsche), por isso, antes de formular e erguer uma nova ordem, a revolução da informação está a destruir a velha ordem. Paradoxalmente, ao destruir a velha ordem colocou em questão o próprio triunfo da visão tecnológica do mundo.

Por todo o lado o debate está a fazer-se: a nova tecnologia vai tornar o mundo mais ou menos livre? Vai possibilitar o surgir de um ou de meia-dúzia de *big brothers*? Ou permitirá a emergência de milhões deles? Ou impossibilitará qualquer tipo de controlo fascista? A chamada ‘era da informação’ será uma época de mais ou de menos liberdade? E para quem? Quem e quantos serão mais livres? E quem e quantos serão menos livres? Haverá mais pobres ou mais ricos? Mais mais-ricos ou mais mais-pobres? Quem está dentro e quem está fora?

A resposta a estas questões e a outras na linha da frente da batalha pela civilização digital creio assentar na visão que tivermos do futuro e no papel que nela reservamos à tecnologia — e isto de uma forma consciente, intencional e activa, e não voluntariosa, optimista ou ingénua.

Ao contrário do que possa parecer a tecnologia não tem nada de instrumental. Ela muda substantivamente o mundo. A tecnologia transporta em si uma visão do homem, uma interpretação do mundo e um projecto inequívoco para o futuro.

O objectivo da tecnologia, como aplicação da ciência e como emanção da sua essência — ou seja, do que é comum a toda a moderna tecnologia pós-industrial — é, refere Heidegger em “The Question Concerning Technology” (1977), a ordenação cada vez mais flexível, extensiva e eficiente de todo o tipo de modos de existir, identificados como recursos do próprio processo de ordenação, e não meramente de produção.

Não há mais objectos em si mesmo, florestas selvagens, arte ou pessoas — existem recursos. Recursos materiais — terra, instalações, equipamento, transportes, vias de comunicação; recursos imateriais — informação, conhecimento, software; recursos financeiros — dinheiro, acções, obrigações, etc.; e recursos humanos — isto é, pessoas vistas como elementos na linha de ordenação. Da mesma linha de ordenação, porque a ordem ao ordenar-se não pode permitir mais do que uma só ordem.

O conceito de recurso implica em si mesmo a noção da sua utilização num processo controlável. Esse processo não é mais o crescimento, a eficiência da economia ou o bem-estar material. Esse processo é o próprio projecto tecnológico cujos sucessos e desenvolvimentos auto-legitimaram a essência da tecnologia como o fim último: ordenar.

“Por todo o lado, tudo está a ser ordenado para estar pronto, para estar imediatamente disponível, de facto para se manter tal como está apto a ser chamado para nova ordenação. O que quer que seja ordenado... desta forma... nós chamamos-lhe... reserva disponível... E o que quer que se afirme como reserva disponível, não mais é olhado por nós mesmos como um objecto antagónico”, escreve Martin Heidegger em “The Question Concerning Technology”. Num outro ensaio, “The Age of the World Picture”, Heidegger avisa que não devemos interpretar erradamente moderna tecnologia como uma aplicação prática das modernas ciências físicas matemáticas. “A tecnologia das máquinas é ela própria a transformação autónoma da *praxis*; um tipo de transformação que uma vez colocada em prática requer primeiro a aplicação das ciências físicas matemáticas”. E de facto, parece que Heidegger estava certo há já 60 anos. A recente revolução tecnológica — computadores e telecomunicações — assenta já na aplicação de outro tipo de ciência, a física quântica. A essência dos instrumentos, dos produtos tecnológicos, das diferentes aplicações, no entanto mantêm a mesma essência: ordenar, controlar, prever.

---

*A tecnologia não tem nada de instrumental. Ela muda substantivamente o mundo, porque interpreta uma visão do homem: o controlador de um mundo que é um processo de ordenação flexível, extensiva e eficiente de todo o tipo de modos de existir. Todos eles apelidados de ‘recursos’ - recursos para o processo de ordenação.*

---

O objectivo último, como já tanto se fala por aí, é claro, o *just-in-time-everything*. Tudo o que for necessário para o processo, onde, como, quando, e só quando, for necessário. Esta visão da existência e do mundo implica por isso uma posição instrumental não da tecnologia face ao homem, mas do homem face à tecnologia. Mas não tem que ser assim, nem sempre foi assim. Voltando a Heidegger, o Ocidente tem protagonizado ao longo da sua história diferentes entendimentos da existência humana, ou seja, tem interpretado o mundo através de diferentes paradigmas culturais ou de diversas auto-interpretações do que é ser humano.

Nos anos 50, Heidegger havia distinguido *grosso modo* seis diferentes épocas. Inicialmente, as coisas foram entendidas como selvagens, desenvolvendo-se por si próprias. Nessa fase, não tinha sentido algum interrogarmo-nos sobre “o que se vai passar”: as coisas vão acontecendo. Em seguida, a noção de gerar - de produzir (*poiesis*, do grego) - introduziu a noção de que as coisas podiam ser desenvolvidas, alimentadas, ajudadas a surgir na sua plenitude. Seguiu-se o

entendimento dos objectos como obras acabadas, o qual veio a gerar o ser humano como obra de Deus. Neste mundo religioso surgiu a época moderna, em que os objectos e os seres são alvo de um processo de organização visando satisfazer os desejos e as necessidades de entidades determinadas — pessoas, instituições, regiões, países.

Finalmente, por volta do anos 50, Heidegger defendia que a civilização Ocidental estava a iniciar uma nova época, a qual apelidava de entendimento tecnológico do ser. Este tipo de compreensão e de fazer sentido do mundo é uma consequência dos modelos Cartesianos da ciência e entregamos como herança um mundo cujo sentido é feito, não da afirmação dos seres em si próprios e nos seus próprios termos — ou seja, a árvore como árvore, o rio como rio, a pessoa como ser livre — mas, a compreensão dos seres em função da sua utilidade num processo global de ordenação. É esta visão que nos faz olhar para as árvores, não como árvores, mas como entidades produtoras de fruta, de celulose, de madeira, de sombras, etc.; que transforma o rio em parte de um sistema de produção de energia; e que pacificamente e sem contestação, apelida o próprio homem de recurso — recurso “humano”, mas sempre um recurso de algo exterior a ele próprio.

Desta forma, tanto as coisas como as pessoas, são medidas peça a peça. São fragmentadas, são avaliadas face a objectivos instrumentais, são alteráveis, decompostas, copiadas, melhoradas, transformadas. Este é o maior perigo da tecnologia: a sua afirmação inequívoca como um império mundial de fazer sentido. Neste império tudo tem que ser avaliado e ordenado — coisas e pessoas — para que tudo seja sempre e sempre ordenado e controlado. Por algum lado se tem que começar, e neste caso ordena-se pelo fim último de estar ordenado.

---

*O projecto fundamentalista da tecnologia visa substituir a realidade real pela realidade virtual. Os seus ‘habitantes’ desligam-se física, cultural e informativamente do resto do mundo. Os condomínios fechados, o tele-trabalho, a televisão individual e as mirabolantes aplicações tecnológicas estão aí para dar a cada um, um mundo diferente.*

---

O mundo pós-guerra fria constitui já uma nova época em que o entendimento humano da tecnologia está no centro da batalha do futuro. A questão crucial, tal como é colocada por Hubert Dreyfus e Charles Spinosa em “Highway Bridges and Feasts” (1997), é esta: “De que forma nos podemos relacionar com a tecnologia resistindo não só ao seu efeito devastador como também atribuindo-lhe um papel positivo nas nossas vidas?”

Para já muitas respostas estão a ser propostas e ensaiadas. Todas elas pretendem fazer-se passar como as óbvias, as únicas que fazem sentido, o caminho inevitável que as coisas estão a tomar. Pelos menos quatro diferentes propostas parecem ter contornos relativamente nítidos.

Da América chega-nos uma visão de uma sociedade baseada nas tecnologias de computadores e de telecomunicações. Uma sociedade cuja criação de riqueza e modos de relacionamento, cuja competição política económica e militar tem essencialmente lugar no âmbito e através das novas tecnologias. Trata-se de uma tentativa global de definir as regras do jogo. Para ir directo ao aspecto vital, basta lembrar que já depois do conflito do Golfo de 1990, os Estados Unidos perderam a guerra na Somália - naquelas paragens ninguém utilizava radares, nem o espectro radioelétrico, nem mísseis, nem aviação...

E hoje, porque é que as mais avançadas instituições do mundo ocidental, em especial dos Estados Unidos, colocam na Internet — por isso, disponíveis para quem quer que seja - documentos actualizadíssimos sobre *information warfare*, *digital economy*, *economic warfare*, etc.? Almoços grátis?

Outra proposta, suficientemente desenvolvida, e que agrega horizontalmente franjas da população dos países mais desenvolvidos de todo o globo, é a que oferece a cada um o mundo que cada um queira. O objectivo final deste projecto é nem mais nem menos do que a substituição da realidade real pela realidade virtual. Trata-se da construção de um mundo, cujos 'habitantes' — à falta de melhor palavra — se vão desligando física, cultural e informativamente do resto do mundo. Os condomínios fechados, o isolamento dos bairros mais ricos do mundo, o tele-trabalho, a informação singularizada, e as inúmeras aplicações tecnológicas constituem instrumentos de aplicação deste projecto. Se desde sempre existiu malta que nunca andou de metro ou de autocarro, em breve podem existir pessoas que nunca souberam rigorosamente nada do que se passa em África ou nos bairros pobres das suas redondezas. Gente que nunca andou nas ruas agitadas e inseguras dos grandes centros urbanos. Gente que além de nunca ter sentido o grande espectáculo da vida, nunca ouviu falar disso, nem vai ouvir. Ou seja, gente com vidas verdadeiramente diferentes.

Uma terceira proposta parece também estar a despontar. Ou antes uma alternativa está a ser pensada por muito boa gente por todo o mundo. Trata-se de procurar um caminho que acolha a força criadora libertada pelas novas tecnologias, que incentive o risco, a iniciativa e a igualdade de oportunidades, e que simultaneamente garanta uma rede social mínima bem como a melhoria real das condições de vida das populações mais desfavorecidas.

Algures entre estes cenários cresce uma geração de adolescentes que sempre conviveu com o mundo das tecnologias de informação. Não se espantam, partem do princípio que as coisas estão sempre-aí e que estão sempre em substituição. Têm uma aproximação fácil e intuitiva à tecnologia. Tratam-na mal e não a respeitam. E isso, é bom, porque pressupõe que não há ordem nenhuma. E só com alguma desordem, confusão e aventura pode, quem puder e quem puder e quiser, interpretar o homem como um ser livre. Nessa altura o futuro ganha de novo a sua magia, porque pode ser tudo. Outra vez.